



## [DocLisboa '16 | Oleg y las Raras Artes, em análise](#)

Por [Cláudio Alves](#) – 21 de Outubro de 2016

***[Oleg y las Raras Artes](#) foi o filme de abertura do DocLisboa, apresentando ao mundo a bizarra e divertida personalidade do génio musical russo Oleg Karavaychuk.***



Este ano marca-se a 14ª edição do DocLisboa, um dos mais importantes festivais de cinema em território português. Tal como o nome indica, este festival, com mais de uma década de existência, foca-se na celebração do cinema documental. E não falamos somente dos títulos mais mediáticos e de fácil digestão por parte da audiência, este é um festival aberto a praticamente todo o tipo de propostas documentais, mesmo filmes incompletos que ainda estão a ser finalizados. Desde obras antigas de valor histórico até às vanguardas experimentalistas mais recentes e passando pelo mainstream convencional, o DocLisboa é uma joia incalculável para qualquer cinéfilo português que ame as possibilidades e magnificências do cinema fora de um registo fictício ou exclusivamente narrativo.

Para abrir oficialmente estas festividades foi escolhido **Oleg y las Raras Artes** do venezuelano Andrés Duque, um tipo muito específico de documentário. Falamos do tipo de filme que consiste no retrato de uma personalidade. Sua estrutura clássica consiste em entrevistas intimistas onde o objeto de estudo do filme estabelece diálogo com o cineasta e, subseqüentemente, expõe-se à audiência. Em termos formais, este não é subgénero documental com uma tradição formal de particular interesse, sendo que é corrosivamente normal ver filmes com este género de intenções a demonstrar uma grande displicência estética e estrutural. Afinal, quando se tem uma personagem colorida e fascinante diante da câmara, mais vale estabelecer um plano geral com um tripé e simplesmente registar a excentricidade real e humana.



Mas, afastando-nos momentaneamente de questões formais, quem é a personagem no centro de **Oleg y las Raras Artes**? Como o título sugere, ele é um homem chamado Oleg, Oleg Karavaychuk mais especificamente, e é um dos mais importantes músicos russos dos últimos 100 anos. Um pianista prodigioso cujas composições sugerem uma

atitude avant-garde perante os limites tradicionais da arte, Oleg tocou para Estaline sob a alçada do apoio estatal e, mais tarde, veio também a tornar-se compositor de cinema e trabalhou com grandes nomes do cinema soviético como Muratova e Todorovskiy, cineastas que nem sempre estiveram nas boas graças do governo.

Seguindo essa linha de pensamento, pensemos também noutra ocasião, em que Duque filma Oleg a passear pelos bosques e casas que, em tempos, foram habitadas por uma série de artistas que o estado queria apoiar. Falando com júbilo sobre a generosidade e grandeza de Estaline, Oleg é capaz de, na mesma frase, chamar a atenção aos nomes ilustres dos seus vizinhos como modo de impressionar uma hipotética audiência. Ele fala de Tarkovsky, por exemplo, mas Duque nunca tenta questionar a bizarra contradição entre este homem que celebra Estaline ao mesmo tempo que fala dos artistas que mais foram perseguidos pelo controle estatal e sua censura como se eles fossem deuses do Olimpo.



Essa falta de questionamento ou visão crítica é algo que abrange todo o filme, de facto. A câmara de Duque nunca tenta ser mais que um observador passivo, que nada pretende questionar sobre a realidade que lhe é apresentada. Mesmo quando Oleg se desdobra em contradições ideológicas de uma esfera mais declarativamente política, o filme nunca parece interessado em pesquisar as suas palavras para além da superfície. Afinal, Oleg canta a glória do Grande Líder Estaline mas também é um homem inebriado com a nostalgia do imperialismo e monarquia dos czars. Não é por acaso que o filme passa grande parte da sua duração dentro das maravilhas de talha dourada do Hermitage, uma realidade faustosa e bem distante de qualquer tipo de ideologia acética e socialmente justa do regime soviético.

É evidente que este tipo de recusa do questionamento não produz efeitos exclusivamente negativos. Ao longo de **Oleg y las Raras Artes** apenas vemos a personagem titular diante da câmara, sempre sozinho e isolado do resto do mundo, e esse tipo de visão míope e singularmente focada tem o efeito de fazer da palavra de Oleg uma espécie de Bíblia momentânea, uma palavra de inspiração divina que nos guia pelo filme. E desses discursos extensos e cheios de reflexões sobre a arte, o legado da cultura russa e a filosofia de vida pessoal deste excêntrico, o filme extrai momentos de inesperado humor. Ouvir Oleg falar da sua fixação quase erótica por fotografias de meninas nas cruzeiras dos cemitérios é algo insólito, mas nada bate o prolongado monólogo que encerra o filme onde, entre muitas verdades profundas, Oleg expõe a maldade do poliéster e descreve como as fibras naturais são o caminho para uma longa vida, excelência artística e a liberdade da alma humana.



Apesar disso, um filme não vive apenas do seu sujeito, sendo que o cinema é um meio de expressão audiovisual. Infelizmente para **Oleg y las Raras Artes** e suas audiências, o realizador parece ter esquecido isso mesmo e apresenta-nos um documentário com uma forma rigidamente prosaica. Alguns momentos como a abertura num corredor do Hermitage, ou a primeira vez que a câmara captura, em pormenor, as mãos de Oleg no piano, trazem algum interesse visual ao filme, mas são instâncias raras e, passado muito pouco tempo, apercebemo-nos que **Oleg y las Raras Artes** já esgotou todo o seu repertório cinematográfico. Dessa repetição nasce o aborrecimento e, para um filme de 70 minutos, tal tédio é um imperdoável crime de displicência estética e mecânica.

Em conclusão, a banalidade formal e repetição anódina levam à irrelevância das poucas ideias visuais e estruturais do filme, mas nada disso implica que a personagem de Oleg seja menos interessante. De facto, **Oleg y las Raras Artes** vive, morre e depende



totalmente do fascínio que o público encontrar no excêntrico pianista titular. Nesse sentido, o filme até é uma preciosidade pois Oleg é uma verdadeira personagem da vida real e este documento, quase uma carta de amor e admiração em forma de filme, é uma bela elegia à sua personalidade e magnética presença. O facto de ele ter morrido ainda este ano acrescenta valor ao filme que assim se apresenta como uma espécie de elegia final a um génio perdido e suas bizarras singularidades.



**O MELHOR:** O humor insólito que vai aparecendo nos longos monólogos de Oleg.  
**O PIOR:** Toda a concretização formal e sua abjeta e aborrecida banalidade.

**Título Original:** Oleg y las Raras Artes

**Realizador:** Andrés Duque

**DocLisboa** | Documentário | 2016 | 70 min



Ana Rodrigues	☆☆☆☆☆☆☆☆
Catarina d'Oliveira	☆☆☆☆☆☆☆☆
Cláudio Alves	☆☆☆☆☆☆☆☆
Daniel Rodrigues	☆☆☆☆☆☆☆☆
Miguel Simão	☆☆☆☆☆☆☆☆
José Vieira Mendes	☆☆☆☆☆☆☆☆
Maria João Bilro	☆☆☆☆☆☆☆☆
Rui Ribeiro	☆☆☆☆☆☆☆☆
Virgílio Jesus	☆☆☆☆☆☆☆☆